

O Gesto e o Grito: Uma consciência coletivizante da violência

Marlova Dornelles
Pós-graduanda do Curso de Especialização
em Cultura Pernambucana – FAFIRE

RESUMO: Este artigo focaliza um aspecto marcante na expressão artística de Ladjane Bandeira, artista plástica pernambucana que criou a Série O Gesto e O Grito e retratou de forma própria e contundente o fenômeno da violência que progressivamente inquieta os seres humanos, na sua vida em sociedade. Tenta encontrar elementos teóricos e estimular uma discussão sobre a presença deste fenômeno em nossas vidas e como ele se visualiza através da expressão artística.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, Ladjane Bandeira, arte, violência

Violência e Agressividade

O Objetivo deste trabalho é o de relacionar a produção de Ladjane Bandeira na série O Gesto e o Grito com a complexa problemática da violência presente no cotidiano das relações sociais. Um estudo da pintura de Ladjane Bandeira, especificamente da série denominada “O Gesto e o Grito”, prescinde de uma reflexão a cerca de um fenômeno bastante presente nas relações sociais, e retratado marcadamente por ela na referida série: a violência. Desenvolve-se a seguir uma breve reflexão que pontua alguns aspectos que não podem deixar de ser considerados quando se trata desta temática. Ao mesmo tempo, este texto pretende discutir conceitos importantes para este estudo como cultura e multiculturalismo e que necessariamente norteiam a análise proposta inicialmente.

Partindo de conceitos trazidos por J. Pereira no seu livro “Violência - uma análise do homem brutalis”, de uma citação de Hacker, é possível fazer uma clara distinção entre violência e agressividade. Para este

“a agressão é inata ao ser vivo. Existe na face da terra antes mesmo do aparecimento do homem no globo. Não é condição exclusiva do ser humano. O que é exclusiva do ser humano, à vista da sua racionalidade, é a violência, não a

agressão, que é própria, biologicamente, de todo ser vivente. Assim, pois, toda violência é agressão, mas nem toda agressão é violência. Ambas se confundem facilmente porque a violência pretende ser a única forma eficaz de agressão. No entanto, impõe-se uma diferenciação rigorosa entre as duas. Realmente, todas as formas de agressão podem afinal levar à violência. A forma manifesta, crua, desenfreada, calculada, consciente, de agressão é que passa a ser violência. A violência não é idêntica à agressão. Na verdade, a violência “é a expressão manifesta, “viva” e principalmente física da agressão”.

A manifestação da violência a partir de um estado de consciência do ser humano, se confirma se considerarmos que a mesma está presente no comportamento do homem desde as sociedades mais antigas. A violência faz parte da cultura dos povos antigos nos cultos de guerra, quando guerreiros comiam os cérebros de seus inimigos, no apedrejamento de mulheres por adultério, como também a presente em toda mitologia grega.

Segundo Koesler, citado por J.Pereira (1975): “Sem uma quantidade moderada de individualismo agressivo não poderia haver progresso social ou cultural” (p.20). Pode-se afirmar então que, o comportamento agressivo é um dos impulsionadores das ações humanas, sendo ele em pequenas doses necessário ao crescimento da humanidade, diferentemente da violência que é destruidora.

A violência é, cada vez mais, um fenômeno social que atinge governos e populações, tanto global quanto localmente, no público e no privado, estando seu conceito em constante mutação, uma vez que várias atitudes e comportamentos passaram a ser considerados como formas de violência. Devido à generalização deste fenômeno não existem mais grupos sociais protegidos, diferentemente de outros momentos, ainda que alguns tenham condições de buscar proteção individual e institucional. A violência não mais se restringe a determinados grupos sociais, raciais, econômicos e/ou geográficos, entretanto, considerando-se diferentes modalidades de violência, ela pode se acentuar por gênero, idade, etnia e classe social, independente se disposta como vítima ou como agente (rever esta última frase).

A situação de vulnerabilidade da maior parte da população, especialmente nos países dependentes, aliada às turbulentas condições sócio-econômicas, causa uma grande

tensão que agrava diretamente os processos de interação social e, em algumas situações, fomenta o aumento da violência e da criminalidade. Ressalta-se que a violência, embora em muitos casos, associada à pobreza, não é sua consequência direta, mas sim, a forma como as desigualdades sociais, a negação do direito ao acesso a bens e equipamentos de lazer, educação, esporte e cultura operam nas especificidades de cada grupo social desencadeando comportamentos violentos.

Sendo influenciada diretamente pelas questões sociais, a violência é “mote” para a criação artística de todas as formas e em todos os tempos. Pode-se observar que a violência está de tal forma integrada no cotidiano, que o homem parece não poder prescindir dela, na rua e mesmo no interior do lar. Sem nos determos apenas nos vários aspectos da criminalidade, ela está presente nas mais diferentes manifestações humanas, e em uma destas formas é retratada pelo artista.

Arte e Realidade

É indiscutível que a arte representa a realidade, isto significa que é uma das manifestações ideológicas através das quais, cada classe social expressa o modo como concebe e explica a estrutura social, os acontecimentos históricos e se situa neles em relação às outras classes. Ao representar artisticamente a realidade, o artista transcreve sua ideologia nas relações sociais através de procedimentos distintos e claros e diferentemente de quando realiza descrição científica ou uma ação política.

Existe uma forte e vital relação da produção artística com as questões sociais, bastante discutidas por Canclini (1980) na sua obra “A Socialização da Arte”. Neste livro ele faz uma minuciosa análise das experiências de arte popular realizadas na América Latina e traça um panorama dos artistas que estavam mudando a função social da arte. Ele repensa, a partir da análise de fenômenos sociais e econômicos como se comportou a produção artística, diretamente influenciada pelas questões sociais e econômicas vividas pela sociedade latino-americana e mundial.

Ainda segundo Canclini, “a arte representa as contradições sociais e a contradição do próprio artista entre a sua inserção real nas relações sociais e a elaboração imaginária dessa mesma inserção”. Sua obra é, em suma, o que ele é como ser social.

A representação artística ao longo do tempo sofreu muitas influências do modo de ser e viver do homem. Desta forma, ao retratar a violência, Ladjane Bandeira se depara com a sua ambigüidade. Não existe uma única percepção do que seja violência, mas uma multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro.

Refletindo ainda sobre a afirmação de Canclini:

“a representação artística pode encobrir as contradições sociais, mas também pode produzir o conhecimento delas: o predomínio de um aspecto ou de outro depende das relações que sua produção e o seu consumo mantenham com a classe dominante ou a revolucionária”.

A partir desta afirmação, conclui-se que a obra de Ladjane se insere no que se define como arte popular. Canclini (1980) ainda nos esclarece:

“as classes dominantes estão unicamente interessadas em reproduzir as condições de produção e as relações sociais que as beneficiem; os artistas que servem a esses interesses ou, pelo menos, aceitam este enquadramento ideológico, concebem a sua prática como a representação da ordem existente: a uma política da reprodução corresponde uma estética da representação”. E ainda: “uma arte popular não se consegue apenas mediante a experimentação formal, nem injetando-lhe conteúdos ideológicos revolucionários, divulgando-a entre um número maior de expectadores ou substituindo os temas estrangeiros pelos nacionais”.

Para Canclini (1981), a arte só é popular se o povo assume o controle da produção, da distribuição e do consumo da arte. Através da série em estudo, Ladjane Bandeira faz uma significativa representação da realidade social que interfere na vida cotidiana do povo, suas características nos faz arriscar a afirmação de que sua arte pode ser considerada como arte da libertação. A arte da libertação, não é caracteriza apenas pela representação da realidade do povo, é, na verdade, sua representação crítica. A arte verdadeiramente revolucionária, estando a serviço das lutas populares, supera o realismo, e mais do que reproduzir a realidade, imagina atos que façam a sua superação. Uma análise mais

aprofundada da vida e obra da artista poderá, reforçar a existência desta característica na sua produção.

Ao escrever sobre Ladjane, José Mário Rodrigues (1975) afirma: “Depois do susto o espectador sentirá um estado pleno de consciência e lucidez ante a vida e a arte. Daí estarão justificados os gritos de pavor, de desespero, de alerta, de revolta, que os quadros de Ladjane transmitem. São pés e mãos, bocas escancaradas, homem virando carranca e carrancas virando homem. O espectador poderia perguntar: Para onde vai toda essa metamorfose que o grito e o gesto comunicam ? Quem ouve esse grito ? Para onde vai o homem que a necessidade obriga a se revoltar ? Quem responde a essa revolta ? De um lado, o ser e do outro, o não ter. A falta. E a falta não ama. Agride. Revolta. Protesta”.

Rodrigues, (1975) identifica forte conteúdo crítico em sua obra:

“Não há nada de novo sob o sol. Em Londres, São Bernardo, São Paulo, a falta é a mesma. O desemprego dói do mesmo jeito. No Irã, na Irlanda do Norte, ou no Brasil, a violência também é a mesma. O que faz Ladjane uma pintora brasileira, não é o tema, é a forma de abordar esse tema”.

E aqui ele caracteriza a obra dela:

“Uma forma essencialmente brasileira, inspirada nas raízes de nossa arte popular. Uma arte extremamente local, servindo como inspiração para comunicar um tema universal. O grito e o gesto são tão antigos quanto o homem, mas Ladjane soube colocar o grito e o gesto na arte como expressão de uma época de um determinado momento histórico”.

As telas de Ladjane “são *pintura-denúncias*, que transpõem os limites do circunstancial, quis fixar a perenidade desse mesmo gesto e desse mesmo grito, com toda a sua força arquetípica, e com toda a existencialidade mantida através dos tempos, desde que o homem é homem”, (trecho extraído do site do Instituto de Arte e Cultura Ladjane Bandeira – ICLB). E ainda: “o enfoque altamente expressivo do Gesto e o Grito, onde a pintura é tratada com adequação técnica para maior ajustamento entre o tema e o resultado pictórico, nos leva a reflexões sobre a agressividade e violência. – Será a violência inata? Questiona a artista? Fará ela parte do acervo biológico do ser humano, ou se prende ao setor psicológico com ênfase maior do que o somático? Poderá ela ser eliminada através da evolução cultural? É ela simplesmente destruidora ou pode ser criativa, utilizada menos

para a destruição que para a reconstrução? E Ladjane continua: Haverá evolução qualitativa e quantitativa da violência a par da evolução da inteligência humana? A artista teve a intenção de induzir o público a tais reflexões inquietantes”.

O conteúdo de suas telas, provoca esta reflexão, ao admirá-las, imediatamente o espectador não pode se furtar a refletir sobre esta problemática. O sentimento provocado pela expressividade de sua obra instiga a identificar as semelhanças entre o homem e o animal, e provoca o questionamento, onde está a diferença?

Para responder a um desses questionamentos de Ladjane, remetendo-nos a Cristina Machado (2002) quando faz afirmações como:

“a cultura determina o comportamento do homem e justifica suas realizações, o ser humano age de acordo com os seus padrões culturais e a cultura determina o comportamento humano e sua capacidade artística ou profissional”,

Fica reafirmada a crença de que as formas de violência presentes na nossa sociedade são resultados da nossa cultura, que os seus comportamentos não são biologicamente determinados e que a sua herança genética nada tem a ver com seus hábitos e crenças, pois todos os atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado. É portanto, possível um processo de transformação que provoque mudanças no rumo desastroso tomado pela nossa convivência social.

Razão e Emoção

Ladjane retrata “um grito de ódio, um grito de ameaça, em grandes dimensões”, grande pela força que evoca e grande pelo tamanho físico das telas (variam entre 1,20 a 2,40 de altura por 1,80 de largura). Sobre este trabalho a artista afirma: “Nesta série O Gesto e o Grito violentei rápida e asperamente a superfície do suporte (duratex, ou papel colado sobre duratex em grandes dimensões) com a força das formas e conteúdos selvagens. Usei dedos, pincéis, buchas de pano e algodão para forçar a tinta (óleo) a captar um tempo e um espaço ancestrais que ainda se condensam no humano do século XX”.

Observando a série, tem-se que “os painéis pintados a óleo, em sua maioria em preto e branco, foram intencionalmente assim pintados para que pudéssemos considerar mais detidamente a face oculta e terrível do ser humano, que ainda não conseguiu, segundo se lê nos quadros da artista, sobrepor a sua racionalidade à sua animalidade”.

Um olhar mais cuidadoso para a obra de Ladjane Bandeira faz perceber que a artista utiliza em trabalhos artísticos a polarização razão-emoção. A série “O Gesto e o Grito” está inserida no nível da emoção instintiva. Através de sua concepção estética, Ladjane encarou frontalmente este tema, e criou um trabalho que caracteriza a animalidade do homem. Esta animalidade sofrida de faces-feras e de mãos transmutadas em garra: esse grito por justiça não apenas social mas cósmico. Nesta série a impressividade do desenho, agudo e dilacerante, parece conotar toda a violência e toda a revolta contida nos gestos do homem.

O tema do Gesto e o Grito é basicamente a violência. É um tratado sobre violência expresso em artes plásticas, na visão de Ladjane Bandeira. É uma visão abrangente, não é a representação de uma violência particular, individual, é uma violência de gênese e essência. Através de sua obra ela questiona a violência na filosofia, na sociologia e na genética: “Antes mesmo de sermos jogados na vida, sem consulta prévia e sem direitos à opção, começamos a ser agredidos pelo tempo. Isso nos leva, desde logo, ao desejo consciente ou inconsciente de lutar contra essa transitoriedade que nos antecede e ampliar nossa pequena eternidade”, nos diz Ladjane (1970).

Neste trabalho o gesto é pré-racional, mas deixa entrever a futura qualidade de violência especificamente humana porque diferentemente da agressão, a violência é um dado da racionalidade a que o animal não tem acesso. O gesto é enfatizado no entanto como iniciador da cultura da humanização do pré-humano. E o grito embora visualizado através do humano, é encarado como um atributo que abrange toda a espécie animal, ainda que possamos dar outros nomes ao grito dos animais.

Segundo Audálio Alves, em crítica publicada no Catálogo de Arte, em 1981:

“Lenta e minuciosamente ela elaborou em total retiro, na intenção de rever, sob o ponto de vista conceitual e artístico, a definição aristotélica do homem como animal racional, pretendendo afirmar que o humano para ser verdadeiramente humano tem que eliminar o aspecto animal..

Com decisão, coragem e consciente, a artista se fixou no aspecto animal do ser humano encarando o “barbarismo contemporâneo”, de frente, sem restrições, baseada em que a arte é um instrumento de comunicação comprometido com sua época, quer para firmá-la aceitando-a, quer para negá-la, rejeitando-a”

Em outro trecho o crítico comenta:

“...em o Gesto e o Grito ela se defronta com a realidade, não para negá-la mas para conferi-la e confessá-la como de extrema agressividade. Partiu, portanto, para a captação dessa selvageria explorando o gesto e o grito como fatores de todas as épocas, bem instintivos, ancestrais, primordiais do animal racional”

Representada por imagens de bocas bizarras, com dentes enormes dando a impressão de estarem gritando, e mãos expressivas representando movimentos fortes e de muita energia, a pintura de Ladjane lembra a expressividade das “carrancas” - figuras colocadas na proa das barcas, se projetando para frente. As carrancas¹ surgiram por volta de 1875-1880 – certamente corresponderam à intenção de esconjurar figuras sobrenaturais ameaçadoras que habitariam as águas do rio. Elas possuem expressão violenta e representam no imaginário popular o enfrentamento aos desafios impostos pelas longas jornadas nos rios.

¹ As famosas carrancas do rio São Francisco são as cabeças grotescas, geralmente feitas de madeira e por artistas anônimos, que os barqueiros do rio colocam na proa de suas embarcações. São figuras que representam cabeças de animais com cara de gente e vice-versa. São feitas, dizem as lendas, para afastar os monstros do rio, permitindo aos barqueiros viagens seguras e felizes. Uma dessas lendas diz, por exemplo, que a figura dá três gemidos quando está em perigo de naufrágio. As carrancas protegiam os barqueiros contra os animais do rio. Além disso, acredita-se que também eram usadas para atrair a curiosidade da gente das fazendas sobre as embarcações e facilitar o comércio. Quase todas elas apresentam elementos característicos: olhos ressaltados, fortes sobrelhas arqueadas e longa cabeleira. A cabeça e pescoço são grandes para aproveitar ao máximo o tronco da árvore (geralmente cedro). São pintadas de branco, exceto os cabelos, que são sempre pretos. A boca, olhos, narinas e orelhas apresentam toques vermelhos para realçá-las. Quando as barcas, movidas a varas e remos, foram abandonadas ou remodeladas para instalação de motores à explosão, as carrancas foram retiradas e jogadas às margens do rio ou procuradas pelos colecionadores. As carrancas eram indispensáveis nas barcas do São Francisco. Hoje, ao longo do rio, podem ser vistas uma ou outra embarcação popular com carranca à proa.

Conclusão

Estudar esta série de Ladjane Bandeira, proporciona identificar na sua obra a marca da multiculturalidade, a construção de uma relação centro-periferia, possível através da sua construção artística. Apesar de ser pertencente a uma classe social dominante, intelectualizada, sua produção retrata um tema que atinge e perpassa todas as classes sociais. Ela dá voz ao “dominado”, traz à tona e dá visibilidade a algo que atinge e incomoda a periferia, também. Faz com que se reconheça através de sua obra a fala do subalterno. É importante ressaltar a capacidade da artista em trazer questionamentos e reflexões sobre uma problemática presente no cotidiano das pessoas, e com uma força capaz de provocar mudanças na forma de ver e de pensar esta problemática.

Através desta série, sua contribuição se efetiva na discussão da nossa identidade cultural, ou seja, ao retratar a realidade e expressar com firmeza a crueza e a dor desta realidade, ela projeta na nossa frente um espelho que nos faz reconhecer nossa animalidade. Efetivamente através de sua obra a artista consegue resimbolizar a violência, dando-lhe uma conotação de alerta, de chamamento para a mudança.

Bibliografia

ABRAMOVAY, Miriam et alli. *Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002, 192p.

CANCLINI, Nestor Garcia. *A socialização da Arte – teoria e prática na América Latina*. São Paulo: Editora Cultrix, 1980. 218 p.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e GONÇALVES e Silva, Petronila Beatriz. *O Jogo das Diferenças. O Multiculturalismo e seus Contextos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. São Paulo: DPSA Editora, 1999.

_____. *Identidade Cultural*. São Paulo: Coleção Memo – Fundação Memorial da América Latina.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA LADJANE BANDEIRA. Sala Especial Ladjane Bandeira. *O Gesto e o Grito*. Disponível em <http://www.instituto@ladjanebandeira.org>. Acesso em 28/07/2006

KALINA, Eduardo e PEREL, Mariana. *Violências: enfoque circular*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1987. 82 p.

KATHERINE, Miller. *As Faces da violência*. Artigo publicado na Revista Atualidades, p 330, Cap.22. São Paulo: 2004

MACHADO, Cristina Gomes. *Multiculturalismo muito além da riqueza e da diferença*. São Paulo: DPSA Editora, 2002.

PEREIRA, J. *Violência: uma análise do homem brutalis*. São Paulo: Alfa-Omega. 1975

VILELA, Orlando. *A Violência no mundo atual*. São Paulo: Ed. Loyola, 1977. 71 p.